

3º Domingo do Advento (Ano B)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 65: 17-25

Neste texto se retoma a profecia entusiasta e sonhadora do Trito-Isaías (vide comentário do primeiro Domingo do Advento). O sonho de que, em Deus, é possível a recriação da vida em toda sua plenitude é manifesto com toda sua força quando se proclama a nova criação de "*um novo céu e uma nova terra*" (v.17). Essa afirmação será aplicada ao novo universo recriado por Deus em Cristo no Livro de Apocalipse 21:1.

A proclamação do "novo" é anti-reformista. Para superar os males do passado não basta corrigir algumas coisas, mas é preciso que tudo se faça novo. Esta comunidade que retornava para a sua terra depois de longos anos de exílio não queria voltar para o seu passado, mas queria avançar para um novo e deslumbrante futuro.

O fato de falar de um novo céu e de uma nova terra tem a ver com a visão de universo da época na qual os acontecimentos do céu (onde moravam as divindades) influenciavam os acontecimentos da terra (onde moravam as pessoas). Também de nada serviria uma nova terra se ela estivesse sob o manto de uma fé enganosa e opressora. Para existir a nova terra é necessária uma visão nova do céu onde Deus se apresenta como força geradora da vida e comprometida com a vida (João 1:4).

É também belíssima a forma como a comunidade do Trito-Isaías consegue pintar este sonho da Vida na terra: sem morte prematura de crianças, com todas as pessoas vivendo muitos anos (v.20), sem gente excluída do teto e da terra (v.21-22), sem esforço em vão e gerando filhos e filhas para a felicidade e não para a desgraça (v.23).

A nova espiritualidade será tão eficiente na comunicação entre Deus e seu povo que os seus anseios serão atendidos antes mesmo de pedir (v.24).

Finalmente a "não violência" reinará em todo o universo, entre pessoas e animais!

Poucas vezes algum texto bíblico conseguiu com beleza tal expressar o sonho de um mundo onde reina a plenitude da presença e da vontade de Deus. (HMG)

2ª leitura (Epístola): 1 Tessalonicenses 5.12-15

Preocupado com a situação da Igreja em Tessalônica frente às pressões da visão e dos valores propagados pelo Império (por exemplo, paz e segurança, 5.3) e conseqüente conflito com a vizinhança naquela cidade, o apóstolo encoraja os membros da comunidade cristã a viver e conviver, no período entre a ressurreição de Cristo e sua vinda final, de modo a corresponder à esperança da nova criação – novo relacionamento com Deus e uns com os outros pelo poder do Espírito Santo. Os versos 9 a 11 ("Deus nos destinou para alcançar a salvação") que antecedem ao recorte de hoje iluminam o encorajamento. Eles já praticavam a exortação, fortalecimento e capacitação mútuos.

Vs. 12 - Sob esse pano de fundo, o apelo é dirigido para o acatamento dos que se dedicam à função de liderança, de presidência da comunidade, cuja

função é salientada por admoestação. Trata-se de cuidado pastoral. Nisto, diga-se de passagem, que a Igreja de Tessalônica estava ainda em fase de informalidade no que se refere à dimensão institucional da comunidade.

Vs. 14 – O sujeito das ações dos verbos indicados (ver ARA e Pastoral) volta a ser de toda a comunidade e visa a construção e capacitação mútua dos membros para a convivência distinta, em relação ao mundo dominado pelo Império. Exortar ou corrigir os “insubmissos” ou “os que não fazem nada” é influir neles de modo que tenham a disposição de aceitar a exortação ou correção. É uma ação que acompanha essas pessoas e levem a viver conforme o padrão evangélica da esperança. Quem são os insubmissos ou que não fazem nada? O original grego (*ataktoi*) compreende uma gama de sentido: insubmissos, os que não trabalham, os que se intrometem na vida alheia. Enfim, são os irresponsáveis, sob a perspectiva do Evangelho. Está embutida no encorajamento, uma firme posição de não se descartar deles, mas de integra-los na convivência. Consolar os desanimados é chegar ao lado deles e falar de modo imbuído de amizade como fizeram os judeus para com Maria e Marta (Jo 11.19, é o mesmo verbo no original grego,). Amparar os fracos. Tudo isso requer tato, paciência e sensibilidade pastoral para com todos e de todos. Trata-se da construção e edificação da convivência mútua identificável como nova criação no Espírito. Havendo possibilidade da implicação de retribuição negativa, em face à não-correspondência, (ver Rm 12.17; Pv 20.22; Mt 5.38-39) o verso 15 traz um aviso que nasce do Evangelho da inclusividade, isto é, que a formação ética do novo tempo inclui os de fora. (ST)

Santo Evangelho: João 1, 6-8. 19-28; ou 3, 23-30

O testemunho de João Batista leva ao ponto culminante a proposta apresentada pelo Primeiro Testamento e pela Carta aos Tessalonicenses: com Jesus é possível sonhar com um novo mundo e um novo jeito de viver.

Em Jo 1, 6-8. 19-28, o profeta dá solene testemunho sobre a identidade de Jesus. Ele se sente apenas voz anunciadora, arauto a abrir passagem para “o que vem vindo” (v.23; Is 40, 3). Nem merece o título de escravo, cuja função seria a de desatar as correias do calçado. Não passa de ser humano comum. É certamente um profeta extraordinário (Lc 7, 24-30), mas apenas um ser humano.

No começo da Igreja deve ter havido intensa discussão para saber quem era mais importante, João ou Jesus. O profeta do deserto tinha causado enorme impressão (Lc 7, 31-35). Todo o mundo se lembrava de que Jesus tinha sido batizado por João e que tinha participado de seu grupo de discípulos (Jo 3, 26). Só quando o mestre é preso, Jesus inicia seu próprio trabalho (Mc 1, 14). Por isso, a catequese nas comunidades procura responder a essa dificuldade enfatizando a superioridade de Jesus: Ele é quem devia ter batizado o Batista (Mt 3, 14-15). Lucas chega a falar primeiro da prisão para só depois falar do batismo. Com isso quer sugerir que o batismo já não é tanto o ato final de João, mas a solene manifestação de Jesus ao povo (Lc 3, 21-22). Para Marcos, o batismo é, sobretudo, o momento em que Jesus experimenta com clareza o chamado de Deus para assumir a missão do Servo, anunciada por Isaías (Mc 1, 11; Is 42, 1). No Quarto Evangelho, já nem se fala mais do

gesto de João batizando a Jesus, apenas se ressalta o seu testemunho: "Eis o Cordeiro (Servo) de Deus" (Jo 1, 19-34).

João não é a luz. Só Jesus é a luz capaz de alcançar todo ser humano. Sim, é Ele "que está vindo ao mundo" (v6-8). E o mistério é ainda mais profundo. N'Ele, em Sua luz, todas as coisas têm sua origem e consistência (v3-4). Assim, ao fazer-se carne (v14), isto é, criatura, frágil e mortal, revela-se o sentido de nossa vida, seu conteúdo divino. Mais adiante, o próprio Jesus, corajosamente, vai dizer, citando as Escrituras: "Vós sois seres divinos" (Jo 10, 34-35). Em Jesus revela-se que a vocação da humanidade é viver o que já lhe é dado em seu princípio, em sua raiz: "ter nascido de Deus". O que é preciso é abrir-se a acolher esse dom inaudito (v12-13).

Por isso, é possível viver como se estivéssemos em alegre festa de casamento, pois o noivo está entre nós (v. 23-30). Na terra de Jesus, uma festa dessas durava dias e envolvia todo o povo das vizinhanças. A imagem tem a força de dizer para nós: a presença d'Ele é como um carnaval, festa geral do povo que ocupa ruas e praças e faz do país o espaço que, de fato, lhe pertence...

Compará-lo com o noivo é aludir ao que os profetas diziam de Deus como esposo de Israel (Os 2). Agora, a vida pode inundar-se da alegria de um novo tempo, o tempo do Messias, como aparece no bonito texto das Bodas de Caná (Jo 2, 1-12). Agora é possível reunir-se e viver como se a vida fosse um alegre banquete. João é apenas um do grupo dos amigos do esposo, o grupo de rapazes que acompanhavam o noivo quando saía ao encontro da noiva para trazê-la a sua casa. Jesus é quem deve tomar a dianteira. (SAGS)